

# LENDO O OUTRO, LENDO A SI MESMO: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DO SUJEITO LEITOR

GARCIA, Régis de Azevedo  
Universidade Federal do Rio Grande - FURG  
regisgarcia@gmail.com

**Palavras-chave:** leitura, literatura, identidade.

## Introdução

No mês de agosto de 2013, em Passo Fundo, ao presenciar um debate alarmante sobre o papel da literatura na vida dos jovens leitores de hoje, principalmente no contexto escolar, foi possível perceber o quanto a situação parece dramática. Dados de pesquisa de uma das componentes da mesa redonda apontavam decréscimo considerável das questões que realmente envolviam literatura nas provas do ENEM como tópico principal, não apenas como um artifício vulgar no qual outras áreas do conhecimento transitam em forma de diálogo pífio para mera formulação de enunciados elaborados. Não pareceria tão crítica a situação da literatura se, nas escolas, houvesse maior importância ao tópico. Contudo, com a simbiose (oferecida como proposta de ensino pelos currículos de determinados territórios ou velada, oferecida sem a devida atenção pelos educadores) da literatura com outras práticas pedagógicas e, principalmente, com o currículo da língua portuguesa, muitas problemáticas parecem começar a emergir no contexto da leitura no Brasil.

Tzvetan Todorov, em *A Literatura em Perigo* (2009), propõe que a ambição de quem ensina literatura deve ser ampliada para que alunos virem, de fato leitores. Para o autor, “sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano” (TODOROV, 2009, p. 92). Nesse sentido, prestando atenção na conclusão de Todorov, é possível perceber o quanto o fomento a leitura é indispensável ao ser humano, principalmente em um momento como a infância, onde começamos a formar nossos primeiros traços marcantes de identidade. Em *A formação da leitura no Brasil* (1999), de Marisa Lajolo e Regina Zilberman, as autoras indicam o quanto a formação de leitores no Brasil foi deficiente por muitas décadas, o que certamente contribuiu para a pouca força das estratégias de ensino envolvendo a literatura no ensino fundamental e médio e também da baixa carga de leitura que o país encara. Para Lajolo e Zilberman, no Brasil, é só a partir de 1840 que será possível perceber “alguns dos traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora” e, consecutivamente, seus primeiros problemas, como na figura do “narrador que tutela seu leitor de modo paternalista, receoso de que a leitura, à menor dificuldade, seja posta de lado” (LAJOLO e ZILBERMAN, 1999, p 18-9). Parece natural que com uma história da leitura tão precária, o Brasil contemporâneo sofra os efeitos da falta de leitores jovens.

Rafaela Farias, em “Leitura e Literatura: a construção do leitor literário” (2011), entende que a literatura e a leitura são de extrema importância para a formação da criticidade do sujeito. Para a autora a “ampliação do letramento literário é importante, pois, a partir dela, o aluno passa a ter uma experiência literária mais crítica e ampla, assim como propiciará ao aluno um contato maior com o texto” (FARIAS, 2011, p. 89). Nesse ponto,

devemos pensar que a culpa de tal problemática não diz respeito apenas ao ócio secular em relação ao desenvolvimento da leitura no Brasil. O professor de literatura, mesmo com a tendência ao hábito de leitura superior ao de outros brasileiros, ainda é parte de um sistema deturpado e defasado ao longo da história. A leitura e a relação com a sala de aula é trabalhada por Lajolo na primeira metade de *Do mundo da leitura para a leitura do mundo* (2005), originalmente publicado em 1997. Como uma de suas primeiras considerações, Lajolo aponta que, dentro da sala de aula, o professor não compreende exatamente seu papel, o que é possível perceber como uma grande problemática inicial para que a leitura finalmente consiga encontrar seu espaço no universo infantil e jovem. Para Lajolo, a partir da análise do discurso do professor, este se “crê investido da função sagrada de guardião do tempo: lá dentro, o texto literário; cá fora, os alunos; na porta, ele, o mestre, sem saber se entra ou se sai, ou se melhor mesmo é que a multidão se disperse” (LAJOLO, 2005, p. 12).

É possível refletir, em primeiro lugar, sobre o professor, como leitor deficiente por conta de um sistema falho, que não possui ferramentas consistentes para combater a própria má formação, quem dirá a má formação da leitura alheia. Em segundo lugar, o professor, como ente herdeiro de uma burocratização interessada em explorar a fragilidade da figura feminina, vem se adaptando e tentando combater os resquícios de uma depreciação secular na profissão, primordialmente relacionado ao ensino ministrado por mulheres, como artifício de ocupação. Em ambos os casos, já é possível constatar e presumir sem ao menos precisar revisar por completo a obra de Lajolo, que há uma falha crítica na engrenagem de movimento do motor da sociedade e do universo leitor no Brasil. A autora ainda coroa tal raciocínio ao propor que “os alunos não leem, nem nós; os alunos escrevem mal e nós também. Mas, ao contrário de nós, os alunos não estão investidos de nada” (LAJOLO, 2005, p. 16).

Além dos problemas evidentes da não inclusão de disciplinas voltadas para o ensino de literatura infanto-juvenil (e sua didática) em grande parte dos currículos acadêmicos por todo Brasil, Lajolo também aponta a questão da falta de conhecimento de textos de literatura na bagagem de professores de língua portuguesa. Sendo o professor um não leitor, certamente não há o que se esperar do aluno. Catarina Xavier Gonçalves Martins, em seu artigo de 2012 “A literatura como brinquedo e a formação da criança-leitora”, publicado na Revista de Eletrônica de Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, aponta que

o gostar de ler e interessar-se pela leitura são construídos por algumas crianças, no espaço familiar e em outras esferas de convivência em que a escrita circula. Mas, para outras, é, sobretudo na escola, que esse gosto deve ser incentivado. Para isso, é importante que as crianças percebam a leitura como um ato prazeroso e necessário (...) Por isso, o espaço da sala de aula deve ser um espaço de formação de leitores, com muitas leituras. Leituras das crianças, dos professores, de vários autores e com várias intenções. Elas necessitam ter bons textos para compreenderem a literatura como um meio de pensar a ficção e a realidade (MARTINS, 2012, p. 472).

Se a leitura não tornar-se possível dentro da sala de aula, a qual educadores e especialistas entendem como um ambiente desejável para a construção de uma história individual da leitura, certamente não haverá, e especialmente nas parcelas menos favorecida da população, que depende do setor da educação, maneira de construir um manancial de leitores e leituras no Brasil. Neste caso, voltando ao raciocínio de Todorov,

percebemos o quanto é importante fazer com que o leitor ame literatura para que, então, consiga entender o quanto a leitura de obras canônicas (ou não) podem ser excelentes formas de conhecer o mundo ao seu redor, outros sujeitos e, principalmente, a si mesmo.

## **Metodologia**

O presente trabalho foi realizado a partir de investigação bibliográfica e levantamento de uma pequena fortuna crítica sobre o assunto proposto na introdução – a relação entre a literatura e a leitura e seus reflexos na formação da identidade do sujeito leitor. Para isso, além de dados oferecidos por estudos do Ministério da Cultura e das políticas públicas para o fomento da leitura e do livro, levou-se em consideração a discussão intitulada “Ensino: o lugar da Literatura Gaúcha na escola e na universidade”, apresentada no 4º Encontro Estadual de Escritores Gaúchos, concomitante ao evento 15ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, na Universidade Federal de Passo Fundo, em agosto de 2013. Por conta do debate, reflexões e resultados apresentados na mesa redonda, optou-se pelo estudo mais detalhado da relação entre literatura e leitura a partir da expansão do debate e revisão bibliográfica pertinente ao tópico.

## **Resultados e discussão**

A partir da leitura de textos pertinentes para o desenvolvimento de uma breve relação entre leitura e literatura e suas relações com a formação da identidade de sujeitos de todas as esferas, foi possível perceber que a maior parte dos teóricos ainda aponta a possibilidade de reorganização de um sistema falho. Nesse sentido, percebe-se também o quanto a literatura, para aqueles que trabalham com a história da leitura, é fundamental para que a qualquer sujeito, mas principalmente crianças, jovens e adolescentes, possam desenvolver senso crítico e percepção mais aguçada do universo que os rodeia, tanto em termos de tomada de consciência histórica, quanto de entendimento do futuro. O resultado obtido através da pesquisa e leitura aponta para o mesmo norte, fazendo com que se entenda que a solução, apesar de bastante discutida, precisa ser posta em prática, já que parece que, por conta da discussão cíclica de textos de diferentes momentos, muito foi debatido, mas ainda pouco feito.

## **Considerações finais**

A verdade é que a leitura não foi reinventada e que a crise na leitura não foi combatida. Os olhares novos sobre a histórias da leitura continuam sendo lançados. O fim do livro, como sugerem alguns autores, por exemplo, não aponta necessariamente o fim dos leitores e da leitura, como percebemos nas indicações de Zilberman. Tampouco é possível prever um caminho linear na continuidade da trajetória dos livros e leitores, sejam crianças, jovens ou adultos. Pode ser que aqueles que porventura tomarem um livro em mãos em meio ao caos da leitura no Brasil e se encantarem por motivos pessoais ou afetivos, quase mágicos, tenham mais êxito nas suas formações como leitores, já que por conta da nossa história da leitura brasileira e da história da leitura do mundo ocidental, há pouco o que fazer em relação ao futuro daqueles que dependem dos mecanismos tradicionais para o bom desenvolvimento de uma cultura literária e leitora, de criticidade e por consequência, de sua própria identidade.

## Referências

FARIAS, Rafaela. Leitura e Literatura: a construção do leitor literário. ITABAIANA: GEPIADDE, Ano 5, Volume 9, jan-jun de 2011.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2005.

MARTINS, Catarina Xavier Gonçalves. “A literatura como brinquedo e formação da criança leitora”. Revista Eletrônica de Educação, v. 6, n. 2. 2012.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL. 2009.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.